

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 300 réis Provincias e Ilhas: trimestre ou 6 numeros... 500 " Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 1200 " Numero avulso... 5040 "	N.º 50	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

UM TRECHO DOS TRES MUNDOS

O trecho que em seguida publicámos fomos arancar-o a um livro duplamente primoroso pela alteza dos conceitos, e pela copia dos ensinamentos que resultam de todas as suas paginas ao mesmo tempo tão finamente litterarias.

Os Tres Mundos são uma d'aquellas obras que fixam para sempre a reputação de um escriptor e que honram uma litteratura.

O sr. D. Antonio da Costa não precisava, pois, ter escripto, como escreveu ainda, outros primores para ver o seu nome saudado com sympathia e com respeito por todos os espiritos que amam e cultivam as letras, e nós, transcrevendo hoje com sua auctorisação um dos mais bellos capitulos do seu por mais de um titulo interessantissimo volume, apenas lamentámos que a transcripção não possa ser maior, e sentimo-não saber traduzir em palavras o nosso reconhecimento pela fineza concedida e pela honra com que promete distinguir a *Imprensa*, enviando-lhe para um dos proximos numeros um d'aquelles artigos sempre tão interessantes pela doutrina e pela linguagem, como todos os que saem da sua privilegiada penna.

Que a saude permita ao nosso ex.^{mo} amigo e eminente escriptor o cumprimento da sua promessa, eis o que em nosso nome e no dos leitores sinceramente desejámos.

AFFONSO VARGAS.

O AMPHITHEATRO. A VIDA ROMANA

I

Para a corrupção dos costumes concorreu a crueldade unida á lascivia. Neste ponto apresenta-se-nos como feição caracteristica do imperio o amphitheatro, o espectáculo do sangue humano, a que dedicámos capitulo especial para fixarmos bem o estado da alma romana.

II

A formula «*pão e espectaculos*» não é só uma exclamação, encerra em duas palavras a historia da epocha imperial. Ha ali duas das questões mais im-

portantes de um povo: a questão da sua riqueza e a dos seus costumes, a questão moral e a questão economica.

O espectáculo para o povo romano representou o despotismo comprando a liberdade. Os circos, sobretudo, eram os retalhos sangrentos d'aquella sociedade que se diluia.

Porque?

Pelo espelho da barbaridade, pela phantasia do luxo, pelo endurecimento dos corações. Os costumes publicos tinham-se tornado crueis. O gladiador, o homem do sangue, realisava para o povo romano um sonho dourado. Para o imperador era uma necessidade politica, para os populares um deus, para a mulher uma fascinação. Candidatos, mágistrados, millionarios, imperantes, todos, com o fito de se popularisarem, offereciam gladiadores.

Deveu-se a origem dos amphitheatros á crença de que as almas dos defuntos se purificavam com o sacrificio do sangue humano. O combate mortal era celebrado em Roma como exequias. Depois deixou de ser expiação dos mortos, para se converter em regosijo dos vivos.

Julio Cesar tinha fundado uma escola normal de gladiadores. Augusto, fiel ao plano de adular o povo, adoptou e desenvolveu a escola normal do dictador. Os seus successores enthesouravam, porque assim o digamos, gladiadores para os exhibirem nos combates dos circos. E não só os imperadores tyrannos como Nero, Domiciano, Commodo, senão aquellos a quem podemos chamar os christãos da philosophia. Tito n'um espectáculo apresentou cinco mil feras. Onze mil, que ficaram despedaçadas, exhibiu Trajano durante os cem dias que durou a festa em honra da victoria contra os dacios. Dez mil gladiadores combatendo á morte uns contra outros se dilaceraram na arena até á morte¹. Os escriptores do tempo, as ruinas actuaes dos amphitheatros, as estatuaes, os relevos, perpetuaram as particularidades d'esses espectaculos.

De Roma o amphitheatro estendeu-se á Italia. Verona, Albano, Rimini, Bolonha, Polla e outras povoações edificaram amphitheatros e derramaram por folia o sangue humano. Depois a lepra invadiu as provincias. Bordéus, Nimes, Leão, Paris e mais trinta

¹ Suetonio, *Claudio*; Dião Cassio, *Tito*; Duruy cit., pag. 477.

e seis cidades da Gallia os construíram também¹. Até ao oriente chegou o contagio. A arena era uma instituição social.

No meio d'aquella corrupção dos costumes, proveniente dos circos, houve um homem que protestou, e justo é que a historia lhe conserve o nome. Foi Trebonio Rufino. Este funcionario, duumviro em Vienna, prohibira ali o amphitheatro. Sobre caso de tanta monta, o imperador Nerva, um dos imperadores excepçoes, reuniu conselho d'estado, e Plinio, que assistiu ao conselho, admirou-se posteriormente do arrojo que mostrou Junio Maurico, atrevido-se a opinar que não só ficasse prohibido em Vienna, mas que o fosse mesmo em Roma, louvando Plinio aquelle arrojo, porque, se o amphitheatro de Vienna corrompia os costumes dos viennenses, o de Roma corrompia os do universo².

Não obstou ao delirio geral a opinião de dois romanos sensatos. A onda da barbaridade e da infamia passava-lhe por cima.

III

Este celebre elemento da vida romana, conhecê-mol-o no amphitheatro modelo, no memoravel Coliseu de Roma. Visitemos o povo rei no seu palacio, e n'um dos seus dias de gala. A especialidade sanguinolenta, a grandeza, o esplendor, tornaram o amphitheatro n'uma originalidade do imperio romano, nascida com elle e com elle morta para sempre.

Uma cruz modesta, cravada no centro do amphitheatro, guardou de geraçao em geraçao aquelle monumento da liberdade christã por homenagem ao sangue ali derramado. O christianismo conservou viva, com uma simples cruz, uma historia completa.

Forma o Coliseu uma ellipse, que mede cento e oitenta e nove metros de comprimento, e cento e cincoenta e sete de largura. Foi construido do marmore immortal de Tivoli, immortal, porque a tudo resistiu³. Dentro d'aquellas ruinas magestosas espraia-se á larga a vista do homem até ao alto do monumento.

Era rodeada a arena de um muro de cinco metros de altura. Sobre este muro em toda a circumferencia pousava um balcão chamado *podium*, em cujo centro se erguia a grande tribuna imperial (*suggestum*), que, no meio de tanto luxo, ainda de luxo deslumbrava. Em todo o circulo do podio, na primeira linha, viam-se os logares dos senadores, reis estrangeiros, embaixadores das nações alliadas, magistrados e vestaes. Sobranceiras á primeira linha, quatorze ordens de bancadas eram destinadas aos cavalleiros, e sobranceiramente aos logares dos cavalleiros um cordão tambem circular de logares para as senhoras. As bancadas (*popularia*), que d'ahi se elevavam até ao alto do edificio, pertenciam ás classes populares. Dividiannas tres vastissimos andares, entre os quaes havia passagens muito largas (*præcinctiones*), para facilitarem o transitio, e de espaço a espaço escadas (*scalaria*), para communicarem os andares.

Debaixo do podio, em toda a volta do amphitheatro, estendiam-se grandes espaços (*careæ*) onde espera-

vam os gladiadores e as feras. Fechavam-os grades de ferro. Entre o muro do podio e a arena um canal cheio de agua (*euripus*) impedia que as feras se lançassem aos espectadores. Ao rez do amphitheatro, pela porta chamada da morte (*libitinensis*) eram os gladiadores levados do circo para o espoliario, onde se recolhiam os mortos, e onde os moribundos tinham a felicidade de ser acabados. Ali tambem debaixo do podio estavam os immensos reservatorios de agua, d'onde saíam rios que transformavam a arena em naumachia para os combates maritimos.

Perde-se a imaginação ao contemplar aquella festa. Os bancos do amphitheatro, de alto a baixo, eram todos cobertos de coxins riquissimos, para os espectadores se assentarem com extrema commodidade. No intento de não os nausear o cheiro do sangue elevavam-se tubos de metal dourado de que saíam aguas aromaticas que purificavam o ar, e ao mesmo tempo orvalhavam os assistentes. O amphitheatro estava coberto n'aquellas occasiões com um toldo de purpura vastissimo e transparente (*velarium*) bordado de estrelas de ouro. Servia para afumosear phantasticamente o quadro, para quebrar o calor do sol, e tambem para de intervallo a intervallo, como leque immenso, refrescar os espectadores por ondulações resultantes de um machinismo especial. O interior do edificio via-se enriquecido de columnas, estatuas, relevos, fontes, ornamentos, de especie e cores variadas. Não consta que numero de escravos edificaram aquelle monumento; sabe-se unicamente que doze mil pereceram na edificação. Sem conta foram os palacios, porticos, templos, que as gerações futuras vieram a construir com o marmore extrahido do Coliseu. Dentro d'aquelles muros brilhava um mundo de arte, no qual labyrinthava durante dias um mundo de loucos.

IV

Está o Coliseu a trasbordar. Cem mil romanos assistem. Deliram as cabeças pelas novidades que são prometidas no programma. A anciedade é só igualada pela profusão do luxo. A cidade rugem.

Apparece na tribuna augusta o imperador, cercado da familia imperial, toda em gala. Os consules e pretores, com suas togas orladas de purpura e cobertos de mantos riquissimos. As vestaes, veladas de branco. Os senadores com os seus brilhantes laticlavos, e com a banda de purpura á cintura, occupam no podio as cadeiras que de direito lhes pertencem, assim como os embaixadores, magistrados e funcionarios de primeira classe. Para as bancadas superiores sobem legalmente os cavalleiros, e indevidamente os libertos ricos e influentes, que em contravenção dos regulamentos se assentavam cheios de orgulho nos logares privativos da ordem equestre¹.

As patricias, trajadas de purpura e estrelladas de perolas, formam um cinto encantador á roda do amphitheatro. As outras damas, eil-as cobertas de joias de valor inestimavel, tunicas bordadas de ouro, collares de perolas do oriente, brincos das gemmas mais preciosas, pulseiras-serpentes de ouro massico, os dedos carregados de aneis, conjunto de luxo que Ovidio comparava ao desejo de trazer cada uma

¹ Gaume, *Les trois Romes*; Duruy, pag. 456 e nota.

² Plinio, liv. iv, *Epistola* 22.^a

³ Plinio, *Historia natural*, liv. xxxvi, cap. 48.^o

¹ Horacio, liv. v, *Ode* 4.^a

comsigo os proprios rendimentos, lamentando Propercio que as mulheres trajassem a herança dos netos. Inebria-as ali a agitação febril. Estão lascivas e crueis. Raras vezes levantam o braço do perdão, quando o gladiador vencido lhes implora a vida com um olhar de esperança. No festim quando impunham aos amantes o dever de libarem por ellas tantas vezes quantas as letras dos seus nomes, no amphitheatro quando d'ellas dependia a existencia de um homem, são sempre as mesmas aquellas embriagadas de luxo. As ricas apresentavam-se com os trajos mais opulentos. As que o não eram nem por isso desanimavam; alugavam trajos fascinadores, liteiras, coxins bordados de oiro, cortejos de servos, e até, para terem ás ordens, formosas raparigas de côr branca (luxo mais apurado) e de cabellos louros por serem mais raros; despendendo em todo este apparato a prata que os paes lhe deixavam, ou jogando sem vergonha para o virem ostentar ali¹. Mulher nenhuma, na perspectiva do prazer, recua diante dos gastos.

Os logares superiores em volta do circo estão já tambem occupados pelo povo da cidade; no cimo de tudo, a escravaria e os boquiabertos aldeões que das cercanias affluíam, não admirando que pasmassem esses rusticos se aos da capital trazia attonitos tanta maravilha². O povo, que já absolutamente não podia penetrar, agglomerava-se ás oitenta portas exteriores (*vomitória*), que davam entrada simultanea para o monstruoso edificio.

Finalmente, alem de todas as classes romanas que em seus respectivos logares occupavam o amphitheatro, os estrangeiros, gregos, tharsos, sarmatas, arabes, sycambros, egypcios, gallezes, bretões, ethiopes, com a sua tez variada, seus trajos phantasiosos, confundiam-se ali todos n'uma nação.

Estava ali o mundo.

D. ANTONIO DA COSTA.

¹ Juvenal, *Satyra* 6.^a

² Calpurnio, *Ecloga* 7.^a e nota.

(Continua)

A FILHA DO PROFESSOR

A atmosphera não tinha o azul profundo e luminoso, tão característico dos paizes do sul. Era de um tom frio e abatido, que não parecia feito de luz e de altura, e que roubava ao espaço o cunho de mysterioso e indefinido, que tanto nos prende, e tão irresistivelmente nos obriga a phantasiar, a esboçar hypotheses. Era uma atmosphera material,—expliquemo-nos assim. Nuvens brancas, lavadas pela ventania, alongavam-se para o sul em farrapos, que uma nortada rija mantinha tesos, enquanto agitava as extensas cearas, polvilhadas a oiro, que prometiam para breve o poetico e festivo S. João, com as suas imaginosas e phantasiastas encrustações de lendas hispano-arabes, lembrando uma geometria e polychroma ornamentação mourisca.

N'essa atmosphera, que o Norte já devastando, recortava-se para a direita uma linha irregular de cabeços inculcos, divididos em figuras desiguaes, de uma geometria caprichosa, por uns muros de pedra negra e solta, que ora se definiam com mais evidencia negra, ora se esfumavam, desaggregados, no ter-

reno aspero e bravo, que talvez nunca tivesse conhecido arado.

Depois, vinham descendo terras cultivadas, e no entanto se erçavam a espaços, como irrecusáveis e indeleveis marcas de procedencia, moitas aggressivas de silvas e carvalhiças, e uma vasta sementeira de um verde-bronze, salpicada de florinhas amarellas, trazendo á memoria uma grade burgueza coberta de poeira, em casa de campo, á beira de uma estrada macadamizada.

Ao centro, um valle que vinha do fundo n'uma adoravel confusão de sombra, agua e verdura, de um bucolismo tocante.

A esquerda, estavam de atalaya, no alto, algumas oliveiras novinhas, uma cruz, e um campanario tosco, enfarruscado pelas inverniaes. Descia, em seguida, uma ondulante e favela ceara, e depois, rasgava-se uma estrada nova, que da banda de cima permitia ver, n'um fundo côrte vertical, a formação do terreno, e que, da parte de baixo, era bordada por umas arvores pequenas e franzinas, fortemente abaladas pela inclemente ventania, e levantando-se de um terreno escuro, onde algumas plantas denunciavam um amavel intento de artistica decoração. Por essa estrada seguia um carro de bois, e o carreiro, de pé, encostado a um dos taipaes, cantava sentidamente, n'uma toada melancholica.

O declive, interrompido pelo plano horizontal da estrada, continuava-se n'um terreno cavado de pouco, onde se elevavam, espacejados, alguns pés de milho. Tudo fresco, mimoso, trabalhado, *feito*, recordando um canteiro de jardim, e logo a seguir, n'um vivo contraste, uma vegetação aspera e espontanea, brotando n'uma escarpa, e em baixo o rio, onde as lavadeiras punham notas alegres, orchestraes, pelas suas emmólhadas saias de sirguilha, e que ia perder-se na sombra do valle, como quem se dirigia para alguma escondida habitação de fadas.

Suspellido por um momento a sua faaina, e erguendo interrogativamente a cabeça,—que um lenço garridamente pintado, e uma vistosa coloração, envolvia toda,—uma das lavadeiras iniciou a chronica maldizente do dia:

—«Então a filha do mestre lá abalou e *mail* o rapaz do escrívão?»—

* * *

Fugira, de facto, a Izabel,—a bonita filha do velho e birrento mestre regio, que nem sequer no perfume convívio d'aquella boa e amorosa rapariga, toda intuições de vida espiritual, affectiva e artistica expandida em alvuras immaculadas de vestuario, gosto de versos e leituras romanescas, e decidida predilecção por flores (quer fizessem uma enredada moldura rescedente á pequena janella do seu quarto, quer sorrissem como n'uma irresistivel expansibilidade de contentamento, cravadas no encrespado negrume dos seus cabellos, ou com o pedunculo cariciosamente apertado n'uma abertura do carpete, contra a rizeja sadia da sua carne moça, quer excutassem a brilhante symphonia da côr, em grandes môlhos variados e aromaticos, postos n'um copo, sobre a commoda do seu quarto),—a filha do antigo professor, que nem sequer no affectuoso convívio

d'essa doce e fina creatura,—vinha eu dizendo,—encontrava um correctivo para a sua aspera e intracível natureza,—fugira, effectivamente, com o filho do escrívão de fazenda.

Quando a Izabel chegou á idade em que o organismo da mulher é dominado pela irresistível força do Amor; em que mil cousas, que até então nem sequer sabia existirem, entram a preoccupal-a insistentemente, procurando ella n'um porfiado trabalho de reflexão o porquê de infinitos mysterios tentadores; em que, sem querer nem saber, prodigalisa a tudo o seu effusivo e trasbordante affecto,—quando na Izabel se realisou essa profunda e transformadora psychose, foi para um rude, mas austero e dedicado rapaz da terra (que n'um aspero labor aturado ia valentemente conquistando a subsistencia da sua velha mãe,—uma tsnada e rugosa lavadeira, invalidada pelo tempo e por um fadigoso trabalho destructivo de muitos annos),—foi para um rapaz da terra que a doce Izabel primeiro fez convergir a inconcretisada acção affectiva do seu delicado organismo vibratil, impressionavel.

A filha do professor viera para o campo aos seis annos. De Lisboa, apenas tinha uma vaga recordação indefinida, esfumada, brumosa, que ella nem mesmo sabia, ás vezes, se correspondia a realidades observadas, ou se tivera no seu espirito outra especie de formação, como certas manchas de tom frio, desenhadas n'um horizonte afastado, que muitas vezes não sabemos se porventura são escurentas nuvens impenetraveis, ou se acaso são longes serrianias altivas...

De sua mãe, que morrêra muito moça, não guardava a mais leve reminiscencia.

Uma velhota que morava perto d'ella, no campo, e fôra creada de uma antiga familia nobre, referir-lhe, um dia, n'uma voz cantarolada e com phrases feitas (que empregava sempre, ao contar esse facto, de que se lembrava tão bem,—assegurava,— como se fosse n'aquella hora), a historia tocante de uma senhora d'essa casa, que fôra contrariada n'uma afecção, e obrigada a professar n'um convento.

A Izabel pensava muitas vezes n'aquelles desventurados amores, procurando, curiosamente, reconstituir todas as scenas d'esse commovente drama, sobre que se fechára, como sobre tantos outros, a pesada e estreita grade de um convento, e, quando acertava de fallar com a velha creada, fazia quasi sempre derivar a conversa para a historia da pobre senhora. E chorava, angustiada, confrangida, mas queria saber tudo, perguntava insistentemente, exigia minucias, e não podia furtar se a pensar muito, dolorosamente delectada, n'aquelles amores novellescos...

As vezes substituia-se, até, á aristocratica e enamorada menina, imaginava-se no logar d'ella, punha-se a pensar no que diria, no que faria, se o caso fosse consigo e com... com o seu Manuel, não! Que elle seria incapaz de a entender, de lhe responder, de se envolver com ella n'aquellas scenas commoventes e romanescas. E vinham-lhe desejos de ter um namorado que fosse bem diverso do Manuel, que não tivesse as mãos asperas e lhe não fizesse experimentar uma desagradavel sensação de molhada quando a apertasse contra si, ao dançarem, como

elle, nos bailaricos, onde ella ia por condescendencia, sempre constrangida de se ver no meio d'aquella gente; que não tivesse cara e mãos trigueiras, quemadadas do sol, como que protegidas por umas resistentes peças de armadura, fundidas pelas soalheiras; que soubesse dizer-lhe phrases bonitas como as que ella encontrava nos livros... Porque a filha do velho e duro professor tinha já lido alguns romances e contos, onde se fallava de amores, onde se reproduziam dialogos de namorados, e esses livros traziam-n'a tão preocupada, como a historia referida pela velha creada. Depois, lia tambem jornaes, onde se descreviam, ás vezes, bailes, recepções, concertos...

Atravez de todas essas leituras, imaginando-a, porventura, mais cheia de encantos e attractivos, do que na realidade é, entrevia uma vida bem diferente da que levava a gente da terra, e da que ella propria tinha, como quanto procurasse transplantar para o bravo terreno da sua pobre casa humilde uma parte do mundo que ella sabia existir para alem da pequena povoação rural, e que muitas vezes idealisava, no impetuoso trabalho da sua imaginação ardente, quando, á tarde ou em noites de luar, se debruçava na janella do seu quarto, rasgada sobre o quintal, onde ella ia roubando á horta o maior espaço que podia, para o converter em jardim. A mulher que fazia os trabalhos mais asperos em casa do professor, tinha pena d'aquella terra,—estragada, segundo dizia,—e quando ia surprehender a Izabel toda entregue á feitura de uma pequena latada em xadrez, para algum craveiro ou para uns brincos de princeza, declarava, muito pratica:

—«Isso queria ahi, mas era feijão.»—

Quando o estio trazia familias de Lisboa á tercela onde a Izabel se fizera mulher, estreitavam-se relações entre a filha do professor e algumas raparigas d'essas familias, relações, que, em muitos casos, eram apenas a continuacão de uma segura amizade firmada entre creancas, e que só o inverno vinha interromper, com uma rhythmica brutalidade fatal.

Quando raparigas se juntam, está bem de ver que fallam de namoros. Não se furtavam a essa regra a Izabel e as suas fugitivas amigas.

Era então que ella aprendia como se atam e desatam finas ligacões amorosas; que podia reunir alguns dados para a noção da elegancia, da dedicacão, do amor, entre os homens; e que lia, não em paginas de romances, que talvez mentissem, mas em preciosos e irrecusaveis originaes, cartas de rapazes inteligentes e que tinham estudos. E, a medo, disfarçadamente, fazia perguntas, queria saber, còrava quando as outras raparigas exigiam o depoimento d'ella, e por caso nenhum diria que o seu namorado era um rude trabalhador, ignorante e queimado do sol.

Como seria bom,—pensava,— que mais de um rapaz intelligente, elegante, bravo, distincto, se empenhasse em captival-a, como tinha acontecido á filha do senhor visconde,—á menina Laura...

(Conclue)

José PESSANHA.

O fim geral da educação é fazer um membro util e feliz da sociedade. O objecto da educação é formar o corpo, o coração e o espirito do educando.

GABRETT.

VILLA DE MARGÃO

É Margão uma das povoações mais importantes, bem situadas e sadias da Índia portugueza, distando apenas seis leguas da capital da provincia.

Séde da comarca e do concelho de Salsete, Margão possui excellentes edificios publicos e particulares, e as suas praças e ruas são correctamente traçadas, amplas e espaçosas.

Foi elevada á categoria de villa por alvará de 12 de julho de 1770.

A igreja matriz, sob a invocação do Espirito Santo, é grandiosa; ha ali mais outras igrejas e capellas de solida e elegante architectura, como a de Nossa Senhora da Piedade, no cume de um outeiro, a leste da villa, d'onde se disfructa um esplendido panorama.

Entre os melhores edificios da villa conta-se os da municipalidade, camara agraria e quartel militar.

Pela illustração de seus habitantes denominam-na alguns escriptores a *Athenas concanense*: effectivamente merece Margão o honroso epitheto, por quanto no seu recinto se encontram nada menos de 17 escolas, sendo 4 publicas e 13 particu-

lares, 2 collegios de educação, rasoavelmente organisados, 2 theatros, e 2 typographias, onde se imprimem varios jornaes, e de cujos prelos têm saído a lume bastantes publicações de subido interesse.

Havia em Margão uma alfandega, que em 1841, por conveniencia do serviço fiscal, foi transferida para Assolná.

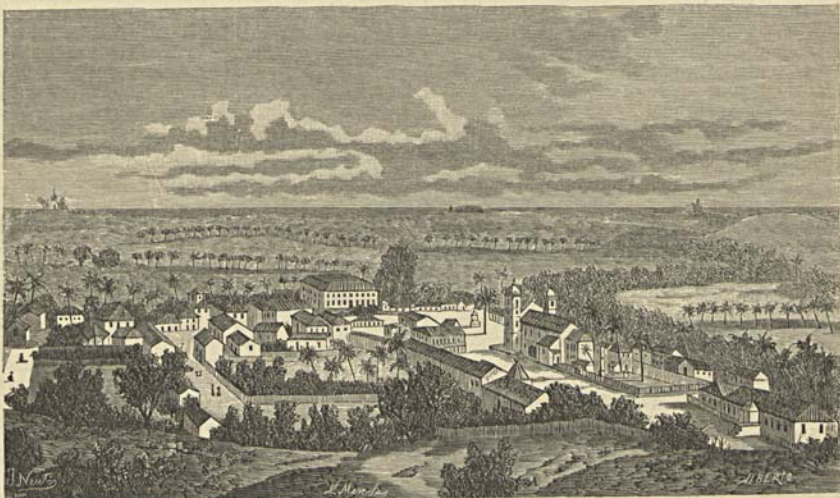
Margão conta uns 14.000 habitantes; mas antes de tudo é preciso dizer-te que não vamos fazer a investigação de todas as bellezas architectonicas d'essa grande

F. PEREIRA E SOUSA.

O CLAUSTRO DOS JERONYMOS

I

Vamos entreter-te, meu caro leitor, com a descripção rapida e concisa do claustro famoso e afamado da igreja dos Jeronymos; mas antes de tudo é preciso dizer-te que não vamos fazer a investigação de todas as bellezas architectonicas d'essa grande



VILLA DE MARGÃO

fabrica, mas tão sómente uma accelerada revista dos pontos mais importantes d'ella, e que mais se relacionam, ou mais facilmente se explicam, com os factos historicos que todo esse monumento synthetisa.

Para descrever e explicar cada ornato, cada relevo, cada symbolo, d'esses rendilhados infinitos que embellezam o soberbo claustro; para averiguar a intenção de todos esses labores, productos da arte de duas, ou porventura tres gerações, que trabalharam n'essa obra, seria precisa uma competencia que não temos, e um espaço equivalente a muitos volumes.

Alem d'isso, poucas pessoas, ou talvez nenhuma, das que lerem estas minhas pobres linhas, desconhecerá o monumento de que fallámos, e eis mais uma razão para se tornar enfadonha uma descripção minuciosa.

Portanto, contentemo-nos com apresentar-te, caro leitor, o que para o nosso espirito ha de mais saliente

n'essa primorosa filigrana, que ha muitos annos contemplámos todos os dias, e que todos os dias nos descobre novas bellezas, novos labores, que ainda não notáramos até ao dia antecedente.

Entremos no primeiro lanço da arcada, aquelle que fica perto e parallelo com o corpo da igreja. Lá estão ainda as doze portinhas que communicavam com os confissionarios, abertos para o outro lado, na parede interior da igreja.

Este lanço deve ter sido o primeiro começado e acabado; e é, por assim dizer, a parte por onde se entra na historia da epocha gloriosa de nossas navegações e descobertas.

Apesar da elegancia do artozoadado da abobada, a despeito do encanto que nos traz á vista a incomparavel belleza d'esses inextricaveis brincados que se enfeixam e enovelam interminavelmente nos ragadissimos arcos que abrem sobre o vasto jardim

central, o espirito, ainda assim, sente-se nos presa de um inexplicavel recolhimento, os olhos não vêem cousa alguma, perdidos n'esse immenso conjuncto, e a alma, voando-nos a outras epochas e a outras regiões, deixa-nos a parte material de nós mesmos, presa e estatica n'essa contemplação a que nem o mais indifferente pôde furtar-se, a primeira vez que transpõe o portal d'esse magestatio recinto.

A luz rompe a jorros por entre as lavradas e elegantissimas columnas dos arcos, e comtudo, debaixo d'essa abobada sente-se a soturnidade fria de um corredor subterraneo. A multidão de arrendados atordoa-nos, cega-nos, pela impossibilidade de os abranger a todos; ao passo que os olhos do espirito, voltando-se nos involuntariamente para toda essa immensa epopêa de gloria e de sangue, de heroicidades e cruzes ahí recordadas n'essas pedras mudas mas symbolicas, se embrenham n'um dedalo de recordações emotivas de que não ha arrancarem-se.

São os trabalhos d'essas epicas navegações emprendidas pelos audaciosos navegadores lançados por D. Henrique nas ondas alterosas do oceano; são as luctas gigantesas sustentadas pelos impavidos guerreiros de D. Manuel nas plagas longinquas da costa indostanica; são as riquezas fabulosas arrancadas a esse mysterioso Oriente, e trazidas á custa de mil perigos e crueldades ás aguas crystallinas do limpido Tejo; são todas estas recordações homericas que nos acodem em tropel ao espirito, confundidas e baralhadas como em phantastico kaleidoscopo, embevedo-o e inebriando-o de modo entontecedor.

O monumento é sempre a pagina mais brilhante e caracteristica da historia dos povos.

Se as pyramides nos revelam a grandeza d'essa civilisação egypcia dos Pharaós; se os monumentos de Roma nos servem como de illustrações ás paginas de Tito Livio, explicando-nos e caracterizando a historia d'esse portentoso povo romano; se as ruinas da velha Grecia nos explicam por mil phrases mudas qual foi o grandissimo desenvolvimento artistico d'esse povo poetico e grande, que assoberbou pela sciencia e pela arte o mundo d'essa epocha; tambem por sua vez, vindo a tempos mais recentes, o monumento nos synthetisa, com a idéa historica que representa, o estado psychologico da quadra em que foi erigido.

Santa Cruz de Coimbra, Batalha e Jeronymos são, para nós, os tres quadros mais expressivos da feição particular das tres diferentes epochas que rememoram.

Considerados em globo, todos elles fazem parte d'esse cyclo da idade media, que se desentranhou ostentosamente na construcção de conventos — cortiços improductivos dos zangãos da sociedade de então.

Era a piedade collaborando proveitosamente na perpetuação da historia. Essa piedade, que em nome do pacifico carpinteiro de Nazareth se engolphava no sangue das victimas, quer trucidadas pelo desvario da populaça, como na matança dos christãos novos, quer supplicadas pela fria perversão do Santo Officio, nos queimadeiros da praça publica, quer finalmente sacrificadas ás ambições simultaneas de gloria e de riquezas dos guerreiros medievos.

Era o sentimento religioso, movel quasi unico de todas as acções d'essa phase da humanidade, que

se encarregava de se perpetuar a si proprio, do mesmo modo que o fausto dos Pharaós se perpetuára nos seus monumentos extraordinarios; as artes dos gregos nas suas estatuas e caprichosos templos gentilicos; e o genio guerreiro e aventureiro dos romanos no marcial dos seus arcos de triumpho!

Porém, se abstrahirmos a idéa geral que estes tres monumentos nos avivam, claramente se nos evidenciára, pelo tom particular que caracteriza cada um, qual era a feição predominante do periodo historico em que foram erigidos.

O mosteiro dos Jeronymos, e só d'esse nos propomos tratar, é a copia fiel e minuciosa da epocha de riquezas e esplendores em que começou a sua fundação: palpita a estos, em cada uma de suas pedras buriladas, as esperanças radiantes e o entusiasmo scintillante d'esse periodo extraordinario.

Não é a arte escravizada, é a inspiração livre o que ali se vê, saltitando sobre aquellas lages, e deixando-lhes esculpidos, por entre mil labores e rendilhados, os arrebatamentos de um povo heroico e poderoso, e o fausto d'essa era de grandezas, alimentada a caudaeas pelas preciosas especiarias que os pesados galeões da India lhe aportavam a todo o momento!

A austeridade de Santa Cruz de Coimbra e dos outros mosteiros de sua epocha, essa desaparece aqui inteiramente.

É porque o sentimento rigidamente religioso que presidira á sua construcção, a fé sinceramente catholica do começo da monarchia, tudo isso principiava já a desaparecer no momento em que se cinzelaram as pedras d'este monumento.

Havia sómente o prurido da ambição de riquezas, o anhelho ansioso de gloria, que, mascarando-se na hypocrita apparencia de fervor religioso, inspiravam esses feitos portentosos de valor e heroicidade, escriptos nos fastos da historia com o sangue innocente das victimas immoladas em holocausto á rapacidade d'esses tempos.

D'ahi a profunda differença entre os monumentos de uma e outra epocha, substituindo este ultimo, no grandioso da forma, o que lhe faltava na essencia em espirito religioso.

E com estas considerações te deixámos parado, caro leitor, á porta que nos vae dar accesso a esse recinto magestoso! Mas, que queres? Se essas arcarias nos produzem uma impressão tão viva, tão estranha!...

Comecemos, porém, a nossa descripção.

(Continúa)

CÉSAR DA SILVA.

O PREMIO DAS ACÇÕES HONRADAS

O premio das acções honradas, ellas o têm em si e o levam logo comsigo, nem tarda nem espera requerimentos, nem depende de outrem; são satisfação de si mesmas. No dia em que as fizestes vos satisfizestes.

E se fóra de vós mesmo, esperaveis outro premio, contentae-vos com o da opinião e da honra. Se vossos serviços são mal premiados, baste-vos saber, que são bem conhecidos. Este premio mental assentado no juizo das gentes ninguem vol-o pôde ti-

rar, nem diminuir. Que importa que subaes mal consultado dos ministros, se estaes bem julgado da fama? Que importa que saiseis escusado do tribunal, se o tribunal fica escusado? Passae pela chancellaria esse despacho, deixae-o por brazão a vossos descendentes, e sereis duas vezes glorioso. Só vos dou licença, que vos arrependaes de ter pretendido. Pouco fez, ou baixamente avalia suas acções quem cuida que lh'as podiam pagar os homens.

Se servistes a patria que vos foi ingrata, vós fizestes o que deveis, ella o que costuma. Mas que paga maior para um coração honrado que ter feito o que devia? Quando fizestes o que deveis, então vos pagastes.

Eu não pretendo com isto escusar os que vós accusaes. Porque vós sois benemerito, não devem elles serem injustos; antes aprender da vossa generosidade a ser generosos e liberaes. Que dão ou que podem dar, a quem deu por elles o sangue? Mas porque ainda com o pouco que podem, faltam ao agradecimento, quero eu que vos não falte a consolação. Se vossos feitos foram romanos, consolaes-vos com Catão, que não teve estatua no Capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas d'aquelles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes estatua o senado, a Catão o mundo. Deixae perguntar ao mundo e admirar-se de vos não ver premiado. Esta pergunta e essa admiração, é o maior e melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não vol-o póde tirar a inveja; o que vos deu a fama, não vol-o póde tirar a ingratidão. Deixae-os ser ingratos, para que vós sejaes mais glorioso. Um grande merecimento sobre uma grande ingratidão fica muito mais subido. Se não houvesse ingratidões, como haveria finezas? Não deis logo queixas ao desagradoimento, dae-lhe graças.

Mas essa mesma injustiça vos deve servir de consolação. Se o mundo e o tempo fôra tão justo, que distribuira os premios pela medida do merecimento, então tinheis muita rasão de queixa; porque vos faltava o testemunho da virtude, para que os mesmos premios foram instituidos; mas quando as mercês não são prova de ser homem, senão de ter homem, e quando não significavam valor, senão valia, pouca injuria se faz a quem se não fazem.

Dizia com verdadeiro juizo Marco Tullio, que as mercês feitas a indignos não honram os homens; afrontam as honras. É assim é. As commendas em semelhantes peitos não são cruz são aspa, e quando se vêem tantos ensambenitados da honra, bem vos podeis honrar de não ser um d'elles. Sejam esses embora exemplo da fortuna, sede-o vós da virtude.

Finalmente, se os homens vos são ingratos, não sejaes vós ingratos a Deus. Se os reis vos não dão o que podem, contentae-vos com o que vos deu Deus, e que não podem dar os reis. Os reis podem dar títulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida e as outras virtudes de que se compõe a verdadeira honra, não podem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma vale o que custa. Sobre tudo lembre-se o capitão e soldado famoso, de quantos companheiros perdeu, e morreram nas

mesmas batalhas, e não se queixam. Os que morreram fizeram a maior fineza, porque deram a vida por quem lh'a não póde dar. E quem por mercê de Deus ficou victorioso e vivo, como se queixará de mal despachado? Se não beijastes a mão real pelas mercês que vos não fez, beijae a mão da vossa espada, que vos fez digno d'ellas. Olhe o rei para vós como para um perpetuo acredor, e gloriae-vos de que se não possa negar de devedor vosso o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue e arriscar a vida, mostraes, que tambem vos não falta para o soffrimento. Então batalhastes com os inimigos, agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeu.

Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se em fim se vê morrer á fome, deixe-se morrer e vingue-se. Perdel-o-ha quem o não sustenta, e perderá outros muitos com esse desengano. E esse ingrato e escandaloso epitaphio será para sua memoria muito maior e mais honrada commenda de quantas podem dar os que as dão em uma e muitas vidas.

P.^o ANTONIO VIEIRA.

ASSUMPTOS VARIOS

Segundo fr. Luiz de Sousa «desbaratam muito a saude corporal desgostos da alma, e se estes caem sobre a vida accossada de trabalhos, como acham a materia disposta são os effeitos maiores e mais nocivos».

«...Existencias que, sem obstaculos, sem revezes, deslitem serenas na vida são raras excepções», ao dizer do eminente historiador Alexandre Herculano.

«A lucta é o progresso: a resistencia de cousas ou dos homens o incentivo dos supremos esforços: os erros que custam caros os melhores mestres. N'este ultimo ponto a difficuldade está em aceitar as lições.

«Somos propensos a attribuir aos outros as culpas proprias, e é por isso que tantas vezes se inutilisa o proveito que poderíamos tirar dos nossos desacertos.»

A proposito da união, que deve existir entre os membros de uma familia ou associação, lemos algures:

«Quando se está á mercê do oceano, e em lucta com violenta tempestade, é pouco possuir um magnifico navio, bem armado e ricamente provido de homens intelligentes e bravos; é preciso ainda, e sobretudo, que a equipagem esteja unida e forte, porque d'isso é que realmente depende a sua salvação.»

«É um excellente estylo — diz o venerando publicista José Silvestre Ribeiro — recompensar com meritos o talento e a applicação, e offerecer bem entendidos estímulos para uma nobre emulação, a

qual, encerrada nos limites, que uma advertida prudencia lhe marca, é capaz de fazer milagres.»

O mui laureado auctor da *Historia politica e militar de Portugal*, sr. Latino Coelho, diz alli:

«E lastima que as grandes e profundas revoluções se não possam effectuar sem que a justiça tenha muitas vezes de velar o rosto compungido, e de ver desatendidos os seus fóros a affectuosa caridade. Cada passo que aventura uma nação no seu incessante progredir é com lagrimas regado.

«Triste e forçoso condão da humanidade, que não possa de per si a pura e incruenta philosophia derrocar os velhos preconceitos, e erigir novas e fecundas instituições sobre as ruínas do passado.»

Relativamente á palavra *caridade*, que foi substituída em França pela de *assistencia*, desde 1848, o sr. Ramalho Ortigão escreveu mui proficientemente o seguinte:

«*Assistencia*, segundo então a definiu um dos relatores da assembléa nacional, é a *solicitude da sociedade entrando na casa do operario para a tornar mais saudavel, na sua officina para lhe dar ar mais puro, e trabalhar menos perigoso, facilitando as suas economias, animando a sua previdencia, acudindo-lhe em todos os momentos de inaccão involuntaria, curando-o nas suas doencas e nas suas enfermidades, dando-lhe o seu apoio para os dias esteréis e muitas vezes abandonados da sua infancia ou da sua velhice.*

«Assim considerada a *assistencia* tem uma natureza diversa da *caridade*, porque não é unicamente o soccorro, é principalmente a previdencia.

«A esmola é um auxilio ao pauperismo. Ora com relação ao pauperismo a obrigação das sociedades modernas não é auxilial-o, é supprimil-o.»

Continúa o mesmo illustre escriptor:

«Um sacerdote christão, o reverendo Caird, proferindo ha tempo um sermão sobre a caridade no ultimo congresso para o adiantamento das sciencias sociaes em Glasgow, tomou para thema do seu discurso as palavras do apostolo: *Acrecentae á vossa fé virtude e conhecimento.*

«E n'este sermão o ministro de Jesus expoz, sob a sua auctoridade evangelica, que o dever do bemfeitor christão não é esperar que as doencas e os vicios se manifestem para os alliviar, consiste pelo contrario em estudar as condicões em que vivem as classes pobres, o seu despendio em trabalho, a antureza dos seus alimentos, a qualidade da sua habitação, para em seguida activar a diminuição ou a suppressão das doencas e dos crimes.

«O reverendo Caird entende que o mais importante dever da religião não é preparar o homem para o outro mundo, mas sim tornar o mundo em que estamos melhor, mais sabio e mais feliz.»

O que eu sei é uma gotta de agua; o que ignoro, é o oceano.

NEWTON.

Deus concebe-se, mas não se comprehende.
O homem é o maior dos mysterios.

PASCAL.

NO CEMITERIO

Era uma noite lugubre de outono.
Os ventos não passavam como d'antes
Através do arvoredor, murmurantes:
Jaziam mudos n'um pesado somno.

Entre os cyprestes tristes, negrejantes,
E as hervas que murchavam no abandono,
Corriam como magros cães sem dono,
Os phantasmas da morte soluçantes.

Sentiu-se então estremecer o mundo...
Não mais se ouviram pelo céu profundo
As aves os sonoros estribilhos...

E a campá disse ao homem com alarme:
— Gastas a vida toda a edificar-me,
E deixas obra ainda para os filhos!

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

RAPIDEZ NAS VIAGENS MARITIMAS

No dia 17 do mez de abril chegaram a Queens-town (Inglaterra) tres grandes paquetes a vapor, que tinham partido de Sandy Hook (America do Norte) no dia 10 ás 5 horas da tarde. Como tinham largado a amarração todos á mesma hora, e pertenciam a diversas empresas de navegacão, estabeleceu-se entre elles uma especie de regata, em que os tres commandantes, pondo em accão toda a força das machinas, porfiavam em fazer exalçar as boas qualidades nauticas de seus navios, e consolidar os bons creditos das respectivas empresas.

Os tres vapores eram o *Gallia* da linha Cunard, o *City of Berlin* da linha Inman, e o *Adriatic* da Companhia White Star Line. Nos tres primeiros dias conservaram-se quasi a par; no quarto dia, porém, o *Gallia* ganhou decidida vantagem sobre os seus antagonistas, seguindo-se-lhe o *City of Berlin*. D'ali em diante perderam-se de vista. No dia 17 passavam pela estação de signaes de Brow Head na seguinte ordem: *Gallia* ás 11 horas e 45 minutos da manhã; *City of Berlin* ás 2 horas e 5 minutos da tarde, e o *Adriatic* ás 3 horas e 25 minutos. O *Gallia* foi, portanto, o mais veloz, pois fez a travessia do Atlantico em 7 dias e 19 horas, tendo de avanço sobre o *City of Berlin* 2 horas e 20 minutos.

A viagem do *Gallia*, ainda que bastante rapida, já foi depois supplantada pela esplendida marcha do novo paquete *City of Paris*, nas duas primeiras viagens que realisou.

Este vapor, mandado construir pela empresa Inman, alcançou a maior velocidade que até hoje tem ido attingida. A primeira travessia entre Queensown e Sandy Hook foi feita em 6 dias 18 horas e 53 minutos, apesar de ter encontrado, durante dois dias, mar cavado e vento rijo. A volta foi ainda mais rapida, pois que gastou apenas 6 dias, 3 horas e 30 minutos, chegando a percorrer em um dia 451 milhas, ou seja 18 1/4 milhas por hora!

Alem de todas as accomodações exigiveis para carga e passageiros, este navio possui as machinas mais aperfeçoadas até agora construidas e, cousa notavel, o consumo de combustivel é inferior ao de outros vapores de igual lotação.